

PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES

Rev. Pemo – Revista do PEMO



Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão

Francisca Genifer Andrade de Sousaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Francisca Risolene Fernandesⁱⁱ 

Prefeitura municipal de Horizonte, Horizonte, CE, Brasil

1

Resumo

Objetiva-se analisar e discutir sobre as práticas educativas implementadas no íterim da escolarização feminina tecida pelo Colégio da Imaculada Conceição, instituição pioneira no que concerne à instrução formal de meninas no Ceará, a partir das experiências tecidas em “As três Marias” (1939), romance de Rachel de Queiroz, escrito com base nas vivências da autora quando estudante do sistema de internato do referido colégio. Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo documental e metodologicamente amparado pela análise de conteúdo da obra “As três Marias”, processo que resultou na formulação de três categorias temáticas: 1) Práticas educativas adotadas na instrução feminina; 2) Vigilância e transgressão; e 3) O futuro da mulher educada no internato. Conclui-se que “As três Marias” se constitui em rico insumo para o estudo da História da Educação do Ceará, prioritariamente quando se trata daquela orientada para o público feminino no século XX.

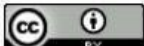
Palavras-chave: Educação de mulheres. As três Marias. Ceará.

Content analysis of “As Três Marias” and female instruction from Ceará: educational practices, surveillance and transgression

Abstract

The objective is to analyze and discuss the educational practices implemented in the meantime of female schooling fostered by the Colégio da Imaculada Conceição, the first institution to dedicate itself to the formal instruction of girls in Ceará, based on the experiences woven in “As Três Marias” (1939), Rachel de Queiroz's novel, written from the author's experiences as a student in the boarding school system of that school. It is a qualitative study, of a documental and methodological type supported by the content analysis of the work “As Três Marias”, a process that resulted in the formulation of three thematic categories: 1) Educational practices adopted in female instruction; 2) Vigilance and transgression; and 3) The future of women educated at boarding school. We conclude that “As Três Marias” is a rich input for the study of the History of Education in Ceará, primarily when it comes to women oriented in the 20th century.

Keywords: Education of women. The three Marias. Ceará.



1 Introdução

2

A escrita sobre a vida, seja individual ou coletiva, é essencial para desvelar épocas, contextos e conjunturas, à medida que nesse exercício o sujeito elencado é apresentado e discutido a partir das relações por ele estabelecidas na teia social, considerando o seu tempo e as condições políticas, sociais, econômicas, educacionais etc. (SOARES; VIANA, 2016). Portanto, cada sujeito carrega aspectos micro e macrosociais, a partir dos quais é possível traçar estudos de contextos, épocas e legislações (LOPES, 2019).

Por conseguinte, as obras literárias são impregnadas por ideias, valores e pontos de vista dos seus autores, veiculando informações relevantes para o estudo do período histórico e outras minúcias, já que, ao reverenciar o passado, trazem à tona pormenores que suscitam a análise e a compreensão sobre o tempo de outrora, conforme defendido por Nunes, Fialho e Machado (2016), ao lecionarem que o romance, especificamente, é um gênero literário rico em detalhes que viabiliza o estudo sobre o homem ao longo do tempo, se tornando fonte de grande valor, por exemplo, para os estudiosos da educação brasileira. Esses autores argumentam que apesar da escrita literária não ser, necessariamente, retrato do real, pode indicar vestígios do acontecido, haja vista que “por mais que a obra de arte esteja relacionada ao prazer e seja fruto da imaginação e da criatividade, há outro elemento que a caracteriza: seu condicionamento ao contexto histórico e social em que o produtor está inserido e do qual não sai ileso” (NUNES, FIALHO, MACHADO, 2016, p.796).

À vista disso, “As três Marias”, romance da escritora cearense Rachel de Queiroz, publicado em 1939, é fonte documental que alarga o conhecimento histórico, especialmente o da história da educação do Ceará, já que a obra é embasada pelas vivências da autora quando estudante do internato do Colégio da Imaculada Conceição, instituição pioneira na instrução formal feminina do Estado, onde foi matriculada aos 10 anos de idade e concluiu o curso Normal em 1925. “As três Marias” conta a história de três amigas educadas pelo Imaculada Conceição, Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José, sendo a primeira a personagem principal e, ao longo da trama, são discutidas



peculiaridades da formação das moças e sobre os comportamentos esperados das que ali se formavam.

Questiona-se como era desenvolvida a escolarização formal das moças cearenses na primeira escola feminina do Estado, em meados do século XX. O objetivo, por conseguinte, é analisar e discutir sobre as práticas educativas adotadas no decorrer da formação feminina desenvolvida pelo Colégio da Imaculada Conceição, a partir das experiências narradas em “As três Marias”. Para atender ao escopo, foi realizada análise de conteúdo da citada obra a partir dos ensinamentos de Bardin (2006).

Com vistas à melhor compreensão leitora, a pesquisa foi dividida em 4 seções: 1) “Introdução”, que delimita a temática, apresenta a obra em análise e esclarece o objetivo, o problema e a relevância; 2) “Metodologia”, que trata sobre o procedimento da análise de conteúdo para a seleção dos dados; 3) “Resultados e discussão”, a partir das categorias originadas da análise de conteúdo; e, por fim, 4) “Considerações finais”, que retoma o objetivo e discorre brevemente sobre os principais resultados do estudo.

2 Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, já que enfatiza subjetividades e outras particularidades, como valores e significações que dificilmente seriam apreendidas pelo universo das operacionalizações variáveis quantificáveis (MINAYO). É do tipo documental, pois se debruça científica e analiticamente sobre a obra literária “As três Marias”, que se constitui objeto do estudo. Ampara-se, ainda, nos pressupostos da história cultural (BURKE, 1992), movimento historiográfico que alargou o entendimento de fonte histórica e tornou passível de estudo todo e qualquer vestígio do homem no tempo, como imagens, documentos pessoais e oralidades.

Os dados de “As três Marias” foram tratados seguindo a técnica da análise de conteúdo enunciada por Bardin (2006), procedimento que faculta desvelar os significados e as significações de diferentes tipos de materiais, baseando-se na inferência ou na dedução, respeitando critérios específicos para o trato das estruturas temáticas, que





compõe três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, e inferência e interpretação dos resultados. Na pré-análise, foi realizada leitura e releitura fluente da obra mencionada para a sistematização das ideias principais e organização dos indicadores de interpretação das informações.

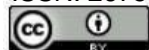
A exploração do material e tratamento dos resultados foi consolidada mediante aprofundamento da obra a partir da leitura cuidadosa e do fichamento de trechos pontuais que dialogam com o escopo do estudo. Por fim, no tratamento dos resultados, inferência e interpretação, foi considerada a recorrência dos assuntos e a representatividade que eles apresentavam entre si, de forma que o processo findou com a categorização, que acoplou as passagens do livro que se assemelham e as dividiu em eixos temáticos. Nesse percurso, foram seguidos critérios específicos: juntaram-se as informações que apresentavam afinidade; agruparam-se os construtos que se aproximavam semanticamente (da mesma categoria temática) e lexicalmente (palavras sinônimas). A tabela seguinte clarifica esse processo, apresentando as categorias temáticas e os descritores que as originaram:

Tabela 1 – Grupos temáticos e descritores

CATEGORIAS	DESCRITORES
Práticas educativas adotadas na instrução feminina	Método tradicional. Decoreba. Medo. Pecado. Internato. Oração. Prova. Teste. Freira educadora. Silêncio. Capela. Eva. Maria. Exemplo. Catolicismo.
Vigilância e transgressão	Reclusão. Conduta. Deus. Fuga. Namoro. Vigília. Conservadorismo. Obediência.
Significados do casamento para a moça de família	Imagem social. Destaque. Mãe. Matrimônio. Casamento arranjado. Posição social.
O futuro da mulher educada no internato	Professora. Vida religiosa. Predestinação.

Fonte: Autoria própria (2020).

Nessa perspectiva, foram referenciadas em uma mesma categoria as informações atinentes às práticas utilizadas para educar as estudantes do Imaculada Conceição; aos





significados atribuídos à vigilância e à transgressão nesse processo formativo; e, por fim, ao futuro esperado por esse público instruído no internato regido por freiras.

3 Resultados e Discussão

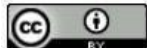
5

Efetivada a análise de conteúdo de “As três Marias”, emergiram três categorias temáticas, quais sejam: 1) Práticas educativas adotadas na instrução feminina; 2) Vigilância e transgressão; e 3) O futuro da mulher educada no internato. Tendo em vista que a abordagem da pesquisa é qualitativa, os dados foram discutidos a partir da referência a trechos pontuais do livro mencionado para a discussão das citações mais importantes para cada categoria. Dessa forma, ainda que tenha sido realizada a análise global do conteúdo da obra, são destacados fragmentos que corroboram para o aprofundamento acerca do assunto tratado em cada uma das categorias, discutidas a seguir.

Categoria 1 – Práticas educativas adotadas na instrução feminina

Entende-se por prática educativa toda a ação sistematizada em ambientes formais de ensino com vistas o desenvolvimento da aprendizagem (LIBÂNEO, 1994; JARDILINO; SAMPAIO, 2019), sendo esta uma ação guiada pelos saberes e pelos conhecimentos que perpassam o campo da educação, a exemplo daqueles fundamentados pela Pedagogia e pela Didática (SOUSA; MARQUES, 2019).

Isso considerado, a prática educativa cearense focada no público feminino foi iniciada em 1865, com a chegada das freiras Vicentinas que chegaram da França com o objetivo de amparar às crianças órfãs e instituíram o sistema de internato, considerado o mais adequado para instruir as moças. É fundada, então, a primeira instituição educativa feminina do Ceará: o Colégio da Imaculada Conceição, cujo primeiro escopo era atender às crianças necessitadas, mas que, para arrecadar fundos para tal, as irmãs criaram um sistema de ensino pautado na cultura francesa, voltado para as moças cujas famílias abastadas podiam custear a sua educação (RAMALHO, 1999). Nasce, assim, um colégio dual: de um lado, as pensionistas e, de outro, as órfãs. As pensionistas eram filhas de grandes fazendeiros do interior do estado ou pertencentes à elite econômica da capital





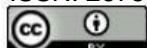
cearense ou de outros Estados (RIBEIRO, 2000). Já as órfãs, geralmente, eram meninas que viviam perambulando pelas ruas de Fortaleza ou aquelas cujos pais alegavam impossibilidade de sustentá-las e pediam auxílio às freiras (RIBEIRO, 2000).

Em “As três Marias”, Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José eram pensionistas e ingressaram no Colégio da Imaculada Conceição com o mesmo objetivo: serem instruídas com base na educação francesa e na religião católica, além de se tornarem aptas para gerir o lar. Por isso, eram instruídas a interagir entre si, mas nunca com as órfãs, pois os dois grupos de estudantes eram separados, de forma que o contato da aluna pensionista com a órfã era proibido, fato discorrido por Maria José:

De um lado, vivíamos nós, as pensionistas, ruidosas, senhoras de casa, estudando com doutores de fora, tocando piano, vestindo uniforme de ceda e flanela branca [...]. Rodeando outros pátios, abrigando outras vidas antípodas, lá estavam as casas do orfanato, onde meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noivas que nós vestiríamos mais tarde, a bordar as camisinhas dos filhos que nós teríamos, porque elas eram as pobres do mundo e aprendiam justamente a viver e a penar como pobres (QUEIROZ, 2002, p.25).

À vista disso, percebe-se que o Colégio da Imaculada Conceição, fundado sob o intento de assistir às moças necessitadas, corroborava para amplificar a desigualdade social, naturalizando a submissão de um grupo sobre o outro e deixando explícito que o poder econômico é determinante nos papéis exercidos por cada indivíduo na teia social (LARA, 2016; VASCONCELOS, FIALHO, LOPES, 2018).

Os preceitos da educação religiosa formavam as moças para serem “as filhas de Maria”, seguindo o exemplo de pureza da mãe de Jesus, sendo que as estudantes deveriam também se espelhar nas freiras, que eram mulheres recatadas, discretas e sem vaidades. No entanto, não era isso o que sempre ocorria, pois algumas moças não se afeiçoavam às irmãs, por quem passavam a sentir aversão (RAMALHO, 1999), a exemplo de Maria Augusta: “E eu tinha medo. A irmã era velha, de olhar morto, fala incolor e surda. Parecia feita de papel pálido, ou de linho engomado semelhante [...]. Parecia uma boneca de cera, uma figura, uma santa, só não parecia gente” (QUEIROZ, 2002, p.11). A inibição em analisar as freiras e perceber traços humanos era tanta que, certa vez, Maria Augusta

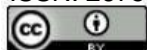




observava a fisionomia de uma irmã recém chegada ao colégio e percebeu que o volume do seu busto era mais avultado do que o das demais freiras e, ao se ver prestando atenção nesse detalhe, a estudante se constrangeu e sentiu-se mal por essa atitude, considerada pecaminosa: “Certo dia, olhando a irmã muito nova, chegada há pouco da Casa-Mãe, notei o busto redondo, farto, levantando-lhe a linha dura do corpete. Baixei os olhos com vergonha e confusão. Aquilo desafiava meus tabus íntimos” (QUEIROZ, 2002, p.31).

A punição aos próprios pensamentos era consoante à educação feminina da época, que pregava a preservação da pureza das moças, não devendo essas obter nenhuma orientação sexual ou qualquer conhecimento relacionado ao próprio corpo (RIOS; CARDOSO; DIAS, 2018), pois toda conduta nesse sentido era considerada pecado aos olhos de Deus. Por isso, assim como os trajes das freiras, as vestimentas das estudantes expressavam a postura da moça recatada que se esperava moldar: a saia abaixo do joelho e as blusas de mangas longas era o uniforme, sendo proibida qualquer modificação. Maria Augusta, por sua vez, não se contentava com o cumprimento da saia e, ao dobrar uma parte para encurtá-la, era coagida pelas amigas, que a chamavam de imoral: “[...] a minha vaidade era mostrar as pernas. Tinha horror às saias compridas do uniforme, vivia dobrando secretamente os embainhados, sem se importar com os protestos de Maria José e Glória, que me chamavam de imoral” (QUEIROZ, 2002, p.40).

Esse fato revela que a naturalização das posturas conservadoras era tão impregnada no colégio e no imaginário daquelas que ali adentravam, que as próprias estudantes se encarregavam pela vigília das colegas que insistiam em burlar as regras, alicerçando o trabalho de manutenção da ordem cujas freiras eram incumbidas. Sobre esse assunto, Maria Augusta narrou que, certa vez, uma estudante levou para o colégio um livro considerado impróprio para moças e, ao apresentar a obra às colegas, não houve entusiasmo em conhecer o conteúdo do livro, pois elas tinham consciência de que era proibida qualquer leitura que apresentasse palavrões e se referisse à relações entre homem e mulher: “[...] Nós mesmas o banimos; e se demorou algum tempo, foi nas mãos de uma mais pequena ou curiosa, desejosa de ler as imoralidades dos soldados com as francesas, ou conhecer os palavrões sujos das trincheiras” (QUEIROZ, 2002, p.34).



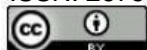


Apesar dessa distinção de posturas, que parecia dividir as alunas em grupos rivais, um momento que despertava o sentimento de união entre as estudantes era o período de avaliações. O medo que pairava sobre o colégio em tempos de prova era reflexo do caráter tradicional da educação da época, que despertava pavor e medo nas estudantes (BEGO, 2016; MORORÓ, 2017). Por isso, “a véspera dos exames inspirava um terror coletivo, como ameaça de peste num povoado, acompanhada no seu cortejo de preces, invocações e exorcismos”, o que tornava as moças mais focadas nos estudos, nas orações e nas promessas às entidades católicas, a quem prometiam “[...] passar um mês e um dia dormindo sem travesseiro, duas semanas sem comer rapadura, rezar vinte e oito terços às almas do Purgatório, ou a São José Cupertino, protetor dos estudantes [...]” (QUEIROZ, 2002, p.42).

A tensão em decorrência do teste que avaliava a capacidade decorativa e, não necessariamente, da aprendizagem (GENÚ, 2018; PEREIRA, RIBEIRO, 2017), era tamanha que “cada menina se agarrava aos seus cadernos, levava os dias passeando pelo recreio, lendo em voz alta e rezando alternadamente” (QUEIROZ, 2002, p.42) na tentativa de apreender os conhecimentos que deveriam comprovar em uma avaliação escrita que não considerava as peculiaridades das alunas e muito menos fomentava a escrita criativa e libertadora (BANFIELD; HADUNTZ; MAISURIA, 2016). Foi em uma dos exercícios preparativos para as provas que Maria Augusta foi selecionada entre as amigas para subir à torre do sino da capela para deixar o bilhete que rogava pela proteção de Maria no momento das provas e, ao chegar ao topo, a jovem ficou emocionada ao ver a cidade, esquecendo-se de fazer a prece combinada:

[...] Fazia três meses que não via a rua, gente, bondes, desde as últimas férias. A cidade, assim, de repente, vista de uma vez e surpreendida de brusco, deu-me um choque no coração, comoveu-me tanto me começaram a tremer e meus olhos se encheram de água. Estava ali o mundo, o povo, a vida de fora, tudo o que era interdito à minha vida de reclusa (QUEIROZ, 2002 p.45).

Essa passagem da obra faculta o entendimento acerca do objetivo formativo no sistema de internato, que apregoava a total reclusão das estudantes àquele ambiente para que não fossem “contaminadas” pelas práticas mundanas (MAGALHÃES JUNIOR, 2003).





Assim, acreditava-se que somente através desse modelo educativo seria possível formar a moça pura, recatada, comportada e submissa que a sociedade esperava. No entanto, mesmo com toda a vigilância exercida tanto pelas estudantes entre si e pelas freiras, não era incomum que acontecessem transgressões, sejam das mais leves às mais graves, assunto tratado na próxima seção.

9

Categoria 2 – Vigilância e transgressão

O ato de vigiar faz parte da conduta humana desde os tempos remotos e se concretiza, prioritariamente, quando o intuito é a punição (FOUCAULT, 2004), já que o escopo é garantir o controle da ordem social mediante a punição das condutas consideradas inadequadas. Essa noção de vigilância logo foi incorporada aos ambientes escolares, que veem nessa prática a receita adequada para a obtenção da ordem para o desenvolvimento da aprendizagem e, nesse viés, os internatos regidos por freiras ou por outros personagens religiosos são vistos como os mais propícios para realizar a vigilância e evitar transgressões (MAGALHÃES JUNIOR, 2003).

No cenário cearense, o sistema de internato teve início em 1865, quando foi fundado o Colégio da Imaculada Conceição, e visou exclusivamente a instrução das moças, já que não existia nenhum colégio feminino nesse período. Nesse ambiente, a vigilância às condutas das estudantes, tanto às pensionistas quanto às órfãs, acontecia 24 horas por dia, pois desde a hora em que levantavam, as 5:30 da manhã, à hora em que se recolhiam para dormir, haviam freiras posicionadas para exercer a vigília das moças.

Destarte, apesar da guarda de maneira integral, não eram poucas as transgressões das estudantes. Havia quem conseguisse levar livros e objetos considerados proibidos para as dependências do colégio; quem encurtasse a barra da saia para mostrar as pernas e, até mesmo, quem fugisse do colégio para viver amores proibidos (MAGALHÃES JUNIOR, 2003). Sobre esse último assunto, Maria Augusta narrou o episódio em que uma pensionista aproveitou o burburinho do horário do jantar e fugiu do colégio com o namorado, acontecimento que despertou indignação de muitas alunas do colégio, principalmente por parte da Irmã Superiora, que, chorando, se dirigiu às





estudantes: “Minhas filhinhas, venho procurar consolo junto de vós. Esta casa foi coberta de vergonha, uma de vós fugiu do colégio, fugiu para os braços de um homem. O amor do mundo a enlouqueceu, o pecado a cegou [...]” (QUEIROZ, 2002, p.64).

Nota-se que o mundo e os seus perigos é apontado como o responsável por influir na decisão da moça em fugir do colégio com o namorado, o que é motivo de vergonha para a instituição, que a partir de então perderia a credibilidade que tinha para educar as moças longe das condutas mundanas. Para Maria Augusta, esse lamento souou mais como ameaça do que como pedido de consolo, pois a superiora demonstrava mais preocupação com a imagem do colégio do que com a moça que fugiu: “Porém, as lágrimas que ela tinha nos olhos não eram lágrimas de mãe. Sua fala não tinha doçura, seu patético discurso não comovia; antes, fazia medo, como se fosse carregado de ameaças” (QUEIROZ, 2002, p.65). A abordagem pública (entre as frequentadoras do colégio) da atitude da transgressora era apresentada como exemplo a não ser seguido pelas demais alunas sob o intuito de manter a imagem do colégio na sociedade cearense.

Apesar disso, de acordo com Magalhães Junior (2003), os internatos eram os locais mais propícios às transgressões justamente devido à rigidez e à disciplina imposta às internas, o que despertava o desejo de burlar as regras se aventurando em práticas incoerentes. Por esse motivo, esse autor defende que algumas estudantes chegavam a gostar de ir para os internatos, pois em casa a vigília era ainda maior: enquanto no lar familiar os pais voltavam toda a atenção para a filha, no internato eram várias estudantes para as freiras vigiarem ao mesmo tempo. Ademais, Magalhães Junior (2003) leciona que o escopo da educação feminina no internato visava à proteção da imagem da família, pois acreditava-se que as freiras conseguiriam efetivar uma educação mais segura e distante dos perigos mundanos que sucumbiam as jovens ao pecado, o que nem sempre se consolidava, mas, regra geral, o internato cumpria a sua missão e fazia jus à confiança nele depositada, formando moças aptas para o casamento, desfecho final da escolarização feminina.

Categoria 3 – O futuro da mulher educada no internato



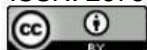


Embora o casamento fosse, usualmente, o arremate do período formativo das moças, nem todas sonhavam com esse fim (ARAÚJO, 2015). No entanto, concluir a escolarização no internato e logo em seguida casar era fundamental para a imagem da “moça de família”, por isso, muitas eram obrigadas a se unirem matrimonialmente com um homem que sequer conheciam, mas que tinham sido “prometidas” desde muito tempo, sendo vítimas de casamentos arranjados, comuns até o século XX (ALMEIDA, 1998).

Nesses moldes, o ambiente familiar se constitui em local de confronto, já que de lá emanam ordens para consolidar uma finalidade, bem como regras de conduta a ser seguidas sem direito de questionamento (NÓVOA; FINGER, 2014). Para algumas moças, inclusive, não havia sentido estudar o curso Normal, mas para satisfazer o desejo dos pais (até porque não lhes eram dadas outras opções) elas assim o faziam. A título de exemplo, registros evidenciados em pesquisas autobiográficas de Josso, Fallet, Laubscher, Finger (1984) trazem a público o discurso de uma mulher que estudou na escola normal por imposição familiar: “De qualquer maneira, mesmo com 19 anos, não tinha poder de decisão. Foi, portanto, decidido entre a diretora e os meus pais, que a escola Normal correspondia às minhas capacidades” (NÓVOA; FINGER, 2014, p.87).

Formada para o magistério por imposição familiar ou não, o casamento era o destino considerado ideal para as moças que estudavam no internato e, muitas, inclusive, até sonhavam com esse desfecho, tendo em vista que essa realidade era inculcada na cabeça das estudantes desde muito cedo (ARAÚJO, 2015), de modo que, ao concluir o período de instrução, a formação obtida era completa: de lá, saía a mulher capaz de gerir o lar com sabedoria, de bordar com perfeição, cozinhar para o agrado do companheiro e cuidar dos filhos, constituindo, portanto, o modelo da moça de família da época. A formação obtida no internato do Imaculada Conceição galgava de tanto prestígio na sociedade cearense que, de acordo com Magalhães Junior (2003), era comum que os rapazes se dirigissem ao colégio para selecionar uma noiva, como se o colégio fosse uma loja onde poderiam ser adquiridos bens materiais de qualidade.

Rachel de Queiroz faz referência ao casamento de uma estudante do colégio, que acontecia na própria capela da instituição, demarcando o final primoroso da educação das



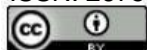


freiras. Sobre os detalhes da cerimônia, ela descreveu que “o altar estava enfeitado de rosas e lírios, e a noiva trazia ao colo a fita azul das filhas de Maria, entre as sedas brancas e o véu” (QUEIROZ, 2002, p.77). A fita azul fazia referência à formação religiosa como seguidora de Maria, simbolizando a pureza e a virgindade da moça, característica que lhe atribuía grande valor em uma sociedade patriarcal e machista (ARAÚJO, 2015).

Ainda na referida cerimônia, outros detalhes revelam o descontentamento da noiva com o casamento arranjado: a tristeza da moça, a alegria do noivo e dos familiares, o ‘não’ quando deveria ser dito ‘sim’, o desmaio fingido para acabar com aquela tortura, que, no entanto, teve o desfecho não por ela projetado: casou com o moço sem sequer conhecê-lo. Sobre esse momento, a autora argumentou que “o ar dali nos sufocava, parecia-nos que nos impunham anos excessivos de infância. Sentíamos uma sensação humilhante de fracasso, de retardamento, de mocidade perdida” (QUEIROZ, 2002, p.78). Destaca-se que casamento forçado, nem sempre contestado pelas moças, que temiam o patriarca, era muito comum até o século XX. Em alguns casos, para manter o status social e econômico, as meninas eram prometidas ainda quando crianças a homens que nunca haviam visto ou a algum parente, logística que visava manter a concentração de riqueza nos mesmos núcleos familiares (ALMEIDA, 1998).

Quando não concluíam a instrução no internato e logo casavam, o ideal era que as moças voltassem para a casa dos pais para auxiliar nas atividades do lar ou atuar no magistério, já que haviam sido instruídas durante anos, também, para esses dois rumos, sendo, por isso mesmo, muito cobradas quanto à qualidade das suas prendas, já que haviam sido alvo de investimento financeiro durante anos (MAGALHÃES JUNIOR, 2003). No romance analisado, Maria Augusta, ao se formar no Imaculada Conceição, retorna ao Cariri, região interiorana onde morava o pai com a madrasta (a quem chama de madrinha) e os irmãos e, ali, são lhe atribuídas muitas atividades domésticas, que deveriam ser cumpridas com perfeição, tal como ela havia aprendido no internato:

[...] E como me horrorizavam, minha Nossa Senhora, as camas por fazer, as meias por cerzir, as mesas a pôr e a tirar, as famosas semanas de cozinha que eu deveria revezar com minha madrasta. O fim apologético daquilo tudo era preparar em mim





a futura mãe de família, de boa esposa chocadeira e criadeira” (QUEIROZ, 2002, p.80).

O ritual doméstico cumprido com insatisfação por Maria Augusta funcionava como extensão dos aprendizados internalizados nos tempos de internato, já que tinham o mesmo objetivo: continuar a sua formação para se tornar a dona de casa perfeita e capaz de cumprir as tarefas esperadas pelo esposo e pela sociedade. No entanto, ela não se sentia contente com o destino que fora lhe reservado e se indignava com o fato de tanto o pai quanto a madrasta só enxergarem o seu futuro como dona de casa, serviço que repudiava e que não cumpria com a qualidade esperada, sendo alvo de críticas, pois, com a formação que obteve, dela era esperado mais afinco com as atividades domésticas:

A voz de madrinha se erguia de novo: - Fez sua cama, minha filha? O sangue me subia todo para o rosto, eu enxugava os dentes às pressas, corria para o quarto, estirava a colcha sobre o lençol enrugado. E ouvia ainda madrinha comentar com papai, numa censura velada: - Tantos anos de Colégio! Como foi possível que não se acostumasse? Mas, Deus do Céu, ela não via, papai não via, ninguém via, que o único desejo do meu coração era derrancar hábitos, esquecer a escravidão do sino, das rezas, da cama feita? (QUEIROZ, 2002, p. 81-82).

Nessa conjuntura, não demorou muito para que Maria Augusta retornasse à capital, onde iniciou o ofício de professora, pois no interior as vagas no magistério eram limitadas (ARAÚJO, 2015). A nova fase da vida era sinônimo de ruptura e de liberdade: “comecei a trabalhar. E parecia-me que a felicidade começava. Viver sozinha, viver de mim, viver por mim, livrar-me da família, livrar-me das raízes, ser só, ser livre...” (QUEIROZ, 2002, p.82). Dessa forma, a personagem optou por um percurso não muito trilhado pelas mulheres de sua época e, morando sozinha, abriu mão do destino ideal esperado para as moças formadas em internato. Ademais, embora que Maria Augusta não tenha escolhido a vida conjugal, não se enquadrava no grupo daquelas que sofriam discriminação social, como as mães solteiras e as concubinas, pois, além da “dona de casa”, a mulher que se dedicava ao magistério e à religiosidade era muito bem vista na sociedade cearense do século XX (ARAÚJO, 2015).

Considerações finais

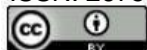




O objetivo foi analisar e discutir sobre as práticas educativas tecidas no transcorrer da escolarização feminina desenvolvida pelo Colégio da Imaculada Conceição, primeira instituição a se dedicar à instrução formal de moças do Ceará. Para atender ao escopo, empreendeu-se a análise de conteúdo do livro “As três Marias”, obra de Rachel de Queiroz publicada em 1939 com base nas experiências da autora enquanto estudante do Imaculada Conceição. A análise de conteúdo fez emergir três categorias temáticas: 1) Práticas educativas adotadas na instrução feminina; 2) Vigilância e transgressão; e 3) O futuro da mulher educada no internato.

As práticas educativas adotadas na instrução feminina elucidaram que as atividades educativas eram efetivadas a partir de mecanismos tradicionais de ensino, que incutiam medo nas estudantes, que se preparavam para as provas por intermédio do decoreba. O íterim educativo deveria formar a mulher para o magistério, para a maternidade e para os cuidados do lar, sendo a manutenção da pureza feminina um dos principais escopos do internato. Para garantir o referido ideal formativo, as estudantes eram submetidas a variadas formas de vigilância, que aconteciam de maneira integral, seja pelas freiras ou pelas próprias internas entre si. Conquanto, apesar da vigília, observou-se que as transgressões também eram comuns naquele ambiente. Averiguou-se que se esperava da mulher educada no internato a dona de casa apta para reger o lar e se dedicar integralmente ao bem estar dos filhos e do esposo, futuro nem sempre objetivado por todas, mas submetido à maioria, que se encontravam sujeitas ao poder patriarcal. Ademais, além dos cuidados com o lar, a profissão docente e a carreira religiosa eram os únicos futuros aceitos socialmente para a mulher.

Por fim, conclui-se que a obra literária “As três Marias” se constitui em objeto de estudo valioso para a discussão atinente à educação das moças cearenses, simbolizando com precisão as características da instrução feminina no século XX, que preconizava a formação para os cuidados com o lar e para a maternidade; incitando as moças a serem obedientes e acatar o futuro do casamento, mesmo contra a própria vontade. Trata-se de uma obra singular que versa sobre um contexto específico: o Ceará, o que impossibilita que os resultados deste estudo sejam generalizados; por isso, destaca-se a necessidade





de realização de outros estudos que possibilitem o conhecimento de outros contextos e alargue as discussões aqui iniciadas.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ARAÚJO, H de L. M. R. **A tradicional Escola Normal Rural Cearense chega ao Bairro de Fátima Formação das primeiras professoras primárias (1958-1950)**. Fortaleza: UFC, 2015.

BANFIELD, G.; HADUNTZ, H.; MAISURIA, A. The (im)possibility of the intellectual worker inside the neoliberal university. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 3, p. 3-19, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/110> Acesso em: 15 dez. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BEGO, A. Políticas públicas e formação de professores sob a perspectiva da racionalidade comunicativa: da ingerência tecnocrata à construção da autonomia profissional. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 3-24, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/98> Acesso em: 15 out. 2018.

BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GENÚ, M. A abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 3, p. 55-70, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/856>. Acesso em: 18 dez. 2018.

JARDILINO, J. R.; SAMPAIO, A. M. Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 180-194, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/848> Acesso em: 01 jan. 2019.

JOSSO, C; FALLET, M; LAUBSCHER, A; FINGER, M. *Problematique de La demande de La formation continue: exploration II*. Genebra: Cahiers de La Section des Sciences de l'Education, 1984.





LARA, A. M. Políticas de redução da desigualdade sociocultural. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 3, p. 140-153, 2016. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/118> Acesso em: 25 out. 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, A. DE P. C. Legislação e processos educativos: A constituição da escola primária no Piauí (1845 a 1889). **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 50-65, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/866> Acesso em: 15 abr. 2019.

MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano. **Vigilância, transgressão e “punição”**: memórias de ex-alunas de escolas católicas de formação de educadoras (1964-1969). 201p. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) –Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, 2003.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORORÓ, L. A influência da formação continuada na prática docente. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 36-51, 2017. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/122> Acesso em: 09 nov. 2018.

NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (Auto)biográfico e a formação**. 2.ed, Natal: EDUFRRN, 2014.

NUNES, M. L da S; FIALHO, L. M. F; MACHADO, C. J dos S. Reflexões em torno da relação entre História e Literatura. **Questio**, Sorocaba, v.18, n.3, p.793-805, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2853> Acesso em: 10 out. 2018.

PEREIRA, A.; RIBEIRO, C. S. A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 95-110, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/138> Acesso em: 12 dez. 2018.

QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**. 21. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

RAMALHO, A. C. M. Parabéns CIC. In: SILVEIRA, E. Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse. Fortaleza: Tipogresso, 1999. RIBEIRO, S. Os anos dourados. In: SOARES, M. N. M. **80 anos... É bom que isto aconteça**”. Sobral: UVA, 2000. p.120-122.





RIOS, P. P.; CARDOSO, H.; DIAS, A. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 98-117, 2018. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/272> Acesso em: 15 dez. 2018.

SOARES, C.; VIANA, T. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 140-158, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96>

Acesso em: 08 nov. 2018.

SOUSA, E.; MARQUES, E. O processo de constituir-se professor na relação objetividade-subjetividade: significações acerca da mediação social na escolha pela

docência. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 82-96, 2019. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/841> Acesso em: 15 abr. 2019.

VASCONCELOS, J. G.; FIALHO, L.; LOPES, T. M. Educación y libertad en

Rousseau. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 210-223, 2018. Disponível

em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/278> Acesso em: 15 dez. 2018.

ⁱ **Francisca Genifer Andrade de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8280-3250>

Universidade estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Doutorado em Educação, Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação; Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO). Contribuição de autoria: Escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4904576198000368>

E-mail: geniferandrade@yahoo.com.br

ⁱⁱ **Francisca Risolene Fernandes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9017-2142>

Prefeitura Municipal de Horizonte, Secretaria de Educação, SATE. Especialista em Alfabetização e Multiletramentos, em Gestão Pedagógica da Escola Básica e em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Contribuição de autoria: Sistematização dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1700981050573327>

E-mail: profarisolenefernandes@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Como citar este artigo (ABNT):

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FERNANDES, Francisca Risolene. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484>

